

# A poesia de mãos dadas com a conversa – diferentes olhares expostos pela mão de todos os poetas

Carla Dionísio Figueiras\*

## Resumo

A escola é a conjugação em todos os tempos e modos do verbo viver; por isso vivemos na escola o tempo e o modo da conversa através e sobre a poesia. Através e sobre o mundo. Porque a poesia, quando levada para a escola e conversada em jeito de partilha, abraça os alunos às palavras. Abraça os alunos à literatura.

Deste modo, pretende-se, com o presente artigo, problematizar essa relação dialógica entre a poesia e a conversa, demonstrando que tal relação é imprescindível em qualquer ciclo do ensino básico (e não só) para que os alunos sejam amantes da literatura.

**Palavras-chave:** Literatura; poesia; escola.

## Abstract

School is a conjunction in all times and modes of the verb to live, so we live in school the time and mode of the conversation through and about poetry. Through and about the world. Because when poetry is brought to school and talked in a way of sharing, it embraces students to the words. It embraces students to literature.

Thus, it is intended with this article to discuss that dialogical relationship between poetry and conversation, demonstrating that such relationship is crucial in any cycle of elementary teaching (and not only) so that students can be lovers of literature.

**Keywords:** literature; poetry; school.

Interessa-me, primeiramente, explicar o longo título deste artigo, sendo que, com tal explicação, digo mais de metade do que tenho a dizer. “A poesia de mãos dadas com a conversa”... Esta expressão, à partida, não tem muito para explicar ou não necessita de grande destaque a nível de interpretação; porém, torna-se evidente que, seja qual for a relação – da poesia com a conversa ou da conversa com a poesia –, o afecto predomina como sentimento maior. Talvez daí a expressão “de mãos dadas”, neste título, possa evidenciar a sua relação. A poesia mostra-se lado a lado com a conversa, dando-se à poesia o mesmo valor que à conversa, dando-se à conversa a mesma

atenção que à poesia, ou seja, dando-se-lhes o respeito que merecem.

Todos nós tendemos a esquecer o valor, a atenção e o respeito quer pela poesia, quer pela conversa. Porque é mais simples falar do concreto, daquilo que todos somos capazes de ver, de comer e de mexer, e hoje nós só queremos coisas simples, quando falamos de sonhos, de sentimentos, de nós... Quando alguém insiste em saber dos nossos sonhos, dos sentimentos, de nós, lá nos sai o ideal de casa que gostaríamos de ter, o idílico amor pela nossa mãe e a identidade que não somos, mas vamos ser.

Não nos conhecemos. Desconhecemos os sonhos e os sentimentos, aparentemente porque não conseguimos falar sobre

\* Mestre em Ensino do 1º e do 2º Ciclos do Ensino Básico pela Escola Superior de Educação de Portalegre.

isso. Parece-me que temos medo da conversa intimista, da conversa quase que solitária, da conversa que nos põe a nu. Temos muito medo que os outros nos conheçam e por isso fingimos que não nos conhecemos.

A poesia e a conversa têm muito mais a ver connosco do que o que nós imaginamos. É com elas que nos construímos, que nos instruímos, que nos destruimos, que nos reconstruímos, é com elas que o que somos se faz, se desfaz, se refaz e, sem ser perfeito, é o nosso caminho: a nossa poesia que se alimenta na conversa interior, exterior, anterior, ulterior. Somos nós naquilo que de melhor soubermos ser.

A conversa não se cinge ao diálogo sobre as unhas, os jogos ou o actual estado da nação. A conversa expande-se, ou deveria expandir-se, num monólogo a dois, numa coisa que guardamos só para nós, mas que conseguimos dar também ao outro. A conversa não é só daquele que fala muito, nem daquele que fala bem, a conversa é poesia e poesia todo o poeta tem.

Segue-se então a questão: Quem são os poetas? Aqueles do subtítulo que expõem, pela mão, os diferentes olhares. Como disseram os meus alunos: “Os poetas somos nós, todos nós mesmo.”. E se dúvidas houvesse, com a convicção com que me disseram isto, garanto-vos que não só acreditei, como acredito e depois de vos dar a ler os textos deles, acredito, vou fazer-vos acreditar também. Porém, o que eu queria mesmo, se é que me dão a liberdade de ter essa pretensão, era que todos interiorizassem que também são poetas, porque o poeta não é só o que escreve poesia: ser poeta é bem mais alto, bem maior, é muito mais do que isso.

É esta pretensão, esta avidez, este querer, esta exigência que me levava (e levará) todos os dias, nas aulas de língua portuguesa, a dar o tempo e o espaço aos meus alunos para acreditarem neles enquanto poetas e na poesia enquanto verdade. Um tempo e um espaço em que o que é ser humano se esbatia na poesia, em que a verdade vinha de dentro do peito, em que o respeito se traduziu em cumplicidade.

Precisamente com conversa, com conversa de mãos dadas com poesia, com a poesia quase como pretexto para a formação de cidadãos críticos e conscientes, para a formação

de gentes com alma e coração, para a formação de leitores competentes com gosto literário, para a formação de um respeito pela inteligência do outro, para a formação de um divertimento com sentido, de um ambiente de trabalho produtivo e divertido. Afinal as crianças só têm mais de metade do mundo para provar o que são, o que as individualiza. Cabe-nos a nós levá-las de mãos dadas pelos caminhos de um mundo real.

Nas aulas de Língua Portuguesa, leccionadas quer ao 1º quer ao 2º ciclo, não escondi as coisas “feias” deste real mundo. Elas (as crianças) conhecem-nas provavelmente bem melhor do que eu. Falámos do que as aflige, do que nos aflige, do que as envergonha, do que nos envergonha, do que as comove, do que nos comove, do que as alegra, do que nos alegra, do que as revolta, do que nos revolta. Falámos delas. No fundo, falámos de todos nós: falámos da morte, do adeus, da saudade, do amor, da amizade, da poesia, da separação, do namoro, de relações, de relações, do sorriso e da palavra.

Falámos, conversámos sobre o mundo real, sobre os diferentes olhares que os alunos têm do mundo real, sobre os diferentes olhares que os poetas, naquelas salas, têm do mundo real. E eles expunham os seus diferentes olhares, expunham o seu mundo real na realidade do seu mundo, expunham-se no papel, pela sua mão. Ao princípio reticentes, renitentes e receosos, escreviam poesia com rima, porque lhes sabia mais a poesia; depois deixaram de se preocupar com a rima, com o emparelhamento e o cruzamento, deixaram que o lápis fizesse mozza na folha, deixaram que a folha fizesse frente ao lápis, e dos dois, naquela luta corpo a corpo, deixaram que se gerasse versos sem medo, sem pudor, sem dúvidas. E, sem querer, a poesia fluía na sala de aula, a poesia escrevia-se, conversava-se, lia-se, fruí-se num bálsamo de sentimentos contraditórios, como nós, diria Manuel Alegre.

Fazia-se da sala de aula uma janela virada para o mundo, o real mundo em que vivemos. Traduzíamos esse mundo em verso, trocávamos esse verso pela palavra e guardávamos essa palavra no sítio em que se guardam as coisas preciosas.

Dei especial relevância, como tento dar sempre, à forma como a poesia chega aos

alunos, aliás a todas as pessoas. Interessa-me desconstruir, senão mesmo destruir, a ideia de que a poesia é fruto da inspiração de seres superiores (como também interessa ao José António Franco); por isso, a poesia chegou aos alunos como poesia e não como fruto da inspiração de seres superiores, chegou aos alunos pelos versos de poetas da nossa praça, desde O'Neill ao Saramago, passando pelo Namora, pela Florbela, pelo Belo, pela Sophia, entre outros, chegou aos alunos poesia e não textos agrafados no pedestal, chegaram aos alunos textos que qualquer um deles podia não amar, não apreciar, não abraçar, chegaram aos alunos textos para que se lesse poesia, para que se conversasse poesia, para que se escrevesse poesia.

A poesia nunca chegou aos alunos servida em teorias macabúzias de repetidas interpretações chapa cinco que congregam em si só a verdade, teorias limitativas e simplistas de seres que não gostam de poesia. A poesia nunca chegou aos alunos de bandeja com copo de cristal, talher de prata e refeição gourmet, em que, por falta de hábito, a sensação de inibição e de desconforto nos leva a rejeitar tal requinte.

Talvez por isso os alunos tenham lido poesia: deixando os versos demorarem-se-lhes na boca, as palavras tocarem-lhes na pele e a sua voz ecoar em nós; talvez por isso tenham conversado poesia: deixando as interpretações literais para as portas, mergulhando a fundo nos versos, dando sentido às palavras e discutindo os diferentes olhares; talvez por isso tenham escrito poesia: deixando que o medo da folha em branco se atirasse pela janela, que o lápis traduzisse os seus sentimentos em palavras e os versos se juntassem, aconchegados, num poema. E depois, no final, orgulhosos do seu trabalho, a maioria queria lê-lo, partilhar com os seus colegas o seu poema, os seus versos, o seu diferente olhar.

Era uma sequência inevitável. A partilha é um dos elementos, senão mesmo o elemento, fundamental da conversa de que falava lá atrás e também, naturalmente, da poesia, das relações, da vida. Os textos foram partilhados, lidos com entusiasmo, com direito a palmas silenciosas em língua gestual e comentários monossilábicos em sussurro, por parte da plateia... Eu, extasiada com os textos, também

fiz parte dessa plateia monossilábica de sussurros. É! As crianças são capazes de escrever! Afinal eles disseram-me: “Os poetas somos nós, todos nós mesmo.”.

Assume-se então a sublimidade fundamental da conversa em todas as salas de aula, em todas as janelas viradas para o mundo real, até mesmo no mundo real. Precisa-se que o verbo “conversar” seja conjugado em todos os tempos, em todas as pessoas do plural e do singular, em todas as vozes interiores e outras. A conversa perde-se na palavra partilha. Talvez por isso eu não as consiga dissociar. Conversar a poesia, partilhar a poesia, conversar a vida, partilhar a vida e o que somos porque a poesia é aquilo que nos põe a nu, que nos leva a conhecer as entranhas e os recônditos, a distinguir o que somos da tal identidade que queremos ser, a descobrir nas palavras do outro o que sentimos em nós, a crescer aprendendo a viver e todos os dias ir dando conta de que ainda não se sabe nada, porque amanhã também valerá a pena.

Acabo de perceber que me parece que expliquei o título todo.

Ofereço-vos, agora, alguns textos dos meus alunos.

### **Catarina N. – 3º ano** **Carta para Rosa, minha avó**

És simpática e amável, só és um pouco chata em relação à comida.

Acho que tens mais de cinquenta anos de idade.

Tu, avó, gostas de animais e de flores, tens um quintal cheio delas.

És bonita e sabes muitas coisas, não sabes ler e és sensível a muitas coisas porque tens um coração de ouro.

Gostas de fazer muitas férias, nas férias do verão vou eu, tu e o avô passar férias à Costa da Caparica.

Conheces muitas pessoas e gostas de ir ao café conversar e passar o tempo.

Não gostas que te chamem velha, mesmo que sejas, isso não me importa, porque o que está dentro de ti é que interessa.

Tens um nome muito bonito, Rosa é um nome lindo!

Tens uns lindos olhos castanhos e eu adoro-te e vou amar-te para sempre, assinado da tua neta Catarina.

**Mariana C. – 3ºano**  
**Carta para Maria José, minha avó**

Tens 80 anos. Eu acho que foste a rapariga mais bela do teu tempo. Sabes ler. És trabalhadora, apesar de já estares reformada trabalhas muito na cozinha. Adoras fazer comida, parece que só sabes fazer comida. És simpática e querida. Sabes muita coisa, mas também não sabes tudo. Tens algum vocabulário. Tens os olhos castanhos. Tantos anos de vida, tantas noites mal dormidas. Mas o que importa é que ainda vives. Se calhar não dissemos tudo uma à outra. Sempre gostei muito de ti e nunca te esquecerei, mesmo quando morreres, tu estarás sempre no meu coração. O mundo é tão bonito e eu tenho tanto pena que tu morras. Tu és tão calada, queria perceber os mistérios que vão na tua cabeça. Já és velha, mas mesmo assim gosto muito de ti.

**Francisco C. e João P. – 3º ano**

Bom é ser criança

Bom é ser criança  
podemos brincar  
e em sonhos viajar  
com muita esperança

Ser criança é um prazer  
Temos de trabalhar  
Para a adultos chegar  
E também para aprender

Tantas vidas vividas  
E tantas histórias lidas  
Quanto já aprendi?

Não sei bem  
Nem perguntem a ninguém  
Já nem me lembro de tudo o que vivi.

**Pedro B. – 5º ano**

A poesia fala-nos  
Que faz de tudo, do nada,  
Para as coisas fracas  
Se tornarem um poema.

E que todas as coisas no mundo têm poesia.

Fala-nos também de segredos  
Que não conseguimos contar  
Que ficam só para nós.

**Laura P. – 5ºano**

Para mim a saudade és tu  
É de ti que eu tenho saudades  
Foste tu que me fizeste assim  
Com saudades tuas.  
As minhas saudades vão para o papel.  
Às vezes elas voam num pincel e  
Caem na tua tela.  
Fiquei à tua espera  
De pé, à janela  
E tu não voltaste  
Fiquei, mas nada.  
Tenho saudades de ti...  
Só tu tens a borracha mágica  
Que apaga as minhas saudades.  
As minhas saudades são todas tuas.  
Volta, porque sem ti  
Sou só um monte de saudades.

**Marília M. – 5º ano**

A saudade não é mágoa,  
não é tristeza,  
a saudade é apenas uma alegria  
que fica gravada no nosso coração.  
Para mim a saudade é de alguém que nos fez bem  
Mas que infelizmente partiu.  
A saudade vive-se só com amor  
Nem sequer penso vivê-la com dor.  
A saudade é a memória a lembrar  
Todos os momentos bons da vida.  
A saudade está no coração  
Seja Inverno seja Verão  
Eu amo a saudade com todo o meu coração  
Em qualquer estação com toda a paixão  
Vivo sem mágoa a saudade.

Dúvidas não há, parece-me, quanto à existência de poesia nestes textos em verso, dúvidas não me parece que haja quanto à beleza que transcende estas palavras, dúvidas não quero que haja quanto à verdade de que toda e qualquer criança pode escrever poesia assim: é só darem-lhes poemas a beber, conversarem à mesa como se conversa à toa, pedirem-lhes um poema, e cuidem-se, até em guardanapos elas vão escrever.